

10º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

28 DE JULHO DE 2024

MARCOS 6.45-56

1. ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL DO DOMINGO ATRAVÉS DAS LEITURAS DOS TEXTOS INDICADOS

Os textos propostos para este décimo domingo após pentecostes trazem como tema principal a eterna bondade e misericórdia de Deus. Assim como no salmo, o tema “a sua misericórdia dura para sempre” soa como agradável música nos ouvidos, na mente e no coração do povo de Israel, assim as demais leituras também são como outros movimentos dentro da sinfonia do amor de Deus, contribuindo para percebermos a ação e a presença de Deus na história e na vida do seu povo. Em uma sinfonia há sempre um contraste entre os movimentos e, por vezes na vida, as tempestades, os sofrimentos e problemas irão dar o tom, contudo, nunca estamos sozinhos, o amor, a misericórdia de Deus por nós, em nossas vidas permanece para sempre, pois o que Ele fala, Ele cumpre, Ele realiza e, em Cristo o “*gran finale*” em nossas vidas será de alegria e júbilo eterno.

1.1 SALMO 136.1-9

O Salmo 136 “dá o tom” para as demais leituras, pois enfatiza a fidelidade de Deus e Seu amor eterno. Quanto à estrutura, este salmo de ação de graças é único no Saltério. Seu refrão percorre todo o salmo, sendo sempre o mesmo. Sem o refrão, o texto estaria em estrita contínua, na verdade, em alguns casos, o refrão irrompe no meio de uma declaração. Somos levados à conclusão de que um arranjo como este salmo foi originalmente projetado para uso litúrgico, responsivo ou antifonal. A primeira linha de cada verso poderia ter sido interpretada por uma voz solo. A

segunda linha, o refrão, foi provavelmente interpretada por um coro que muito provavelmente era a voz de todo o corpo de adoradores.

Ele, completo, é um “louvor a Deus por seus atos de criação e redenção, tanto na história quanto na vida do seu povo. Cada detalhe, em cada período, é um sinal de misericórdia de Deus, que, ao longo de toda a história humana, dura para sempre” (Bíblia de Estudo da Reforma, p. 980).

Em nossa perícopie de hoje, que se restringe até o v. 9, temos a primeira motivação para louvar e agradecer: a obra de Deus como Criador (v. 4-9). A obra de Deus como Criador do mundo está sob consideração. Embora essa obra pareça estar num passado distante, suas maravilhas e seus benefícios para nós são tão evidentes que nos motivam a render infinitos agradecimentos.

É interessante perceber que o relato do Evangelho proposto para o domingo, Marcos 6.45-56, evidencia o poder de Jesus sobre os ventos e as ondas do mar, demonstrando a sua identidade - o Senhor da Criação (Jo 1), Ele demonstra o seu poder e soberania ao acalmar a criação. Ele também acalma a sua segunda criação, a sua igreja, demonstrando o seu cuidado e misericórdia.

Sendo assim, este salmo é um convite para reconhecer e celebrar a constante bondade própria de Deus e sua bondade e misericórdia manifestada em nossas vidas. O salmista encoraja a gratidão e a confiança no cuidado contínuo de Deus, mesmo em meio às dificuldades.

1.2 GÊNESIS 9.8-17

Infinito é o amor de Deus pelo Seu povo a ponto de nos estender promessas, fazer aliança conosco, de nos manter sobre a Sua misericórdia, amor e compaixão. Isso também fica evidenciado no texto do Antigo Testamento.

O contexto trata-se do dilúvio que aconteceu por causa da segunda grande rebelião da humanidade. A ira de Deus se manifestou, aliás, a ira de Deus se manifesta apenas quando ela é provocada e ela foi provocada pela iniquidade do ser humano.

Contudo, o dilúvio passou. Noé já deixou a arca, ele deixa o segundo paraíso onde estava bem confortável no meio de toda a criação divina, que também estava protegida, embora não houvesse isenção do pecado, agora ele vai enfrentar um novo mundo que embora destruído pelas águas, é restaurado e recriado através da água (1 Pe 3.20-22).

O capítulo 9 inicia com Deus abençoando Noé e toda a sua família, toda a criação com a bênção que Deus dera a Adão e Eva lá no primeiro paraíso, quando ele diz: sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra (Gn 1.28).

A nossa perícope inicia com os versículos 8 a 10 que estabelecem o escopo da aliança de Deus pós-diluviana. Esta aliança é com toda a terra e com todos os seres vivos na terra, mas foi dita a Noé e seus filhos. Assim como o pecado humano impactou toda a criação (a maldição em Gn 3, o dilúvio em Gn 6-9), assim também Deus faz uma aliança com a humanidade que preservará toda a criação.

No versículo 11, Deus agora anuncia o conteúdo prometido da aliança: Toda a carne nunca mais será exterminada pelas águas de um grande dilúvio; nunca mais haverá um grande dilúvio para destruir a terra. Depois de revisar o amplo escopo da aliança e acentuar seu caráter duradouro, os versículos 12 e 13 indicam o sinal da aliança: o arco-íris. Contextualmente, o alcance expansivo do arco-íris de uma extremidade à outra do céu se ajusta bem à repetida garantia de que esta aliança é com todas as criaturas vivas e com toda a terra. Manifesta a contenção e a misericórdia celestiais abrangentes contra o pano de fundo do julgamento divino. A essência do sinal do arco-íris é este contraste: seu esplendor e beleza brilhante e sublime contra as nuvens escuras e ameaçadoras em que aparece (“Porei o meu arco nas nuvens...”). Aqui, na narrativa do Dilúvio, estas nuvens evocam o devastador julgamento divino (Gn 7. 11-12, 17-24). A aparência do arco-íris, portanto, não é diferente da alegria e do esplendor da ressurreição do Filho de Deus depois das trevas da Sexta-Feira Santa e do túmulo.

Nos versículos 14 a 16, Deus agora expõe a função ou dinâmica do sinal do arco-íris. De agora em diante, quando Deus iniciar a sua obra de trazer nuvens

(associada ao julgamento divino), o arco-íris designado fará o seu trabalho: ele aparecerá para Deus! E quando o arco aparecer, Deus o verá, se lembrará da sua promessa e se absterá de permitir que as chuvas se tornem um poder destrutivo mundial. Como sinal dado a Noé e aos filhos e a todas as gerações, o arco-íris é um testemunho visível para eles.

Mas o texto descreve a sua função principalmente como um sinal para Deus, lembrando-lhe a promessa da sua aliança de não destruir toda a carne através de um grande dilúvio. Esta dinâmica é familiar: Deus coloca Moisés num papel semelhante (Ex 32-34, Nm 13-14) e, em última análise, é o próprio Jesus - e o seu sangue - quem lembra a Deus de ter misericórdia dos pecadores (Lc 23.34, Rm 8.34, Hb 7.25, 1 Co 11.25). De fato, Deus fez essa aliança tipológica do arco a fim de que realmente entendamos que o antítipo, a saber, o sangue de Jesus, é a nossa proteção dada pelo Senhor para nos proteger dele mesmo e nos dar a garantia de que em Cristo temos vida, perdão, paz com Deus e salvação.

É interessante notar que assim como no Salmo 136 temos a repetição de uma antífona a cada versículo imprimindo na mente e no coração do seu povo o seu amor e misericórdia eternas, aqui Deus é repetitivo também. Lutero diz que Deus é repetitivo aqui porque Ele quer fortalecer a sua promessa, ele quer enfatizar a sua aliança tendo em vista que Noé diante de tudo o que ele passou, Noé ainda está atônito, ainda está confuso, ainda está bastante intrigado, então Deus repete isso para fortalecer a sua fé. A repetição aqui tem um efeito evangélico.

O dilúvio que, em si é juízo, num primeiro momento por causa da queda do ser humano, ele também se transforma a partir desse momento em salvação. Sendo assim, o arco-íris é um sinal da graça, do amor e da compaixão de Deus para com a humanidade. E o arco-íris só existe por causa da presença do sol. Sem a presença do sol não há arco-íris e as Escrituras Sagradas fazem alusão ao Sol como referência a Cristo, Ele é o Sol da justiça (Ml 4.2).

Em seus dias monásticos, Lutero foi atormentado pela imagem comum de Cristo como um juiz severo, entronizado sobre o arco-íris, uma imagem de Apocalipse 4. “Eu

não cria em Cristo, eu o considerava apenas um juiz severo e terrível, retratado sentado sobre um arco-íris.” Mas depois de descobrir o evangelho, Lutero antecipou com alegria o Dia do Juízo: “Portanto, nós que viemos a Cristo queremos tê-lo como um Senhor gracioso. O arco-íris em que ele está entronizado não me aterroriza; aparece para minha salvação. Não o consideramos um juiz. Ele vai nos chamar. Ele não nos rejeitará” (LW 24.24 e 23.61).

Falando sobre o juízo final, a Bíblia também fala de uma segunda catástrofe mundial no final da história. De acordo com Jesus, isso “em breve virá”, e sua rapidez e extensão serão “exatamente como foi nos dias de Noé” (Lc 17.26). Aqueles que se esquecem do dilúvio também podem esquecer que o nosso mundo aguarda a futura destruição/purificação pelo fogo no dia da Segunda Vinda de Jesus (2 Pedro 3.1-13). Muitos pais da igreja, incluindo Lutero, usaram o padrão de cores do arco-íris para ilustrar este ponto – o lembrete azul do antigo dilúvio passando para o aviso vermelho do julgamento escatológico. Quem desejar usar este texto de base principal para a mensagem e essa ilustração de Lutero, deixo como sugestão um tema bem atual e relevante: “Recuperando o arco-íris”.

Para concluir, assim como o arco-íris é um sinal nos céus que testemunha a paciência, a misericórdia e a graça de Deus e confirma sua promessa a Noé, assim também a palavra do evangelho de perdão e vida eterna em Cristo é confirmada para nós por diferentes “sinais” dados por Deus. Lutero escreve: “Nosso Deus misericordioso sempre colocou algum sinal externo e visível de Sua graça ao lado da Palavra, para que os homens, lembrados pelo sinal externo e pela obra ou Sacramento, cressem com maior segurança que Deus é bondoso e misericordioso. Assim, depois do Dilúvio, o arco-íris apareceu para servir como uma prova convincente de que no futuro Deus não daria vazão à Sua ira contra o mundo através de um castigo semelhante... para nós, no Novo Testamento, o Batismo e a Santa Ceia foram dados como sinais visíveis da graça, para que possamos acreditar firmemente que os nossos pecados foram perdoados através do sofrimento de Cristo e que fomos redimidos pela sua morte” (LW 1.248).

1.3 EFÉSIOS 3.14-21

Nesse texto, Paulo ora a Deus para que os seus ouvintes possam compreender, possam receber junto com toda a igreja cristã toda a dimensão do maravilhoso amor de Deus e fiquem cheios de toda a plenitude de Deus.

O contexto, no início do capítulo 3, Paulo celebra o fato de que ele foi chamado para o ministério no qual ele pode anunciar o evangelho aos gentios, o mesmo evangelho da salvação que é entregue aos judeus. Em Cristo não há dois povos separados. Em Cristo há unicamente um povo. O povo de Cristo é a igreja, formada por judeus e gentios. O mesmo evangelho então é anunciado tanto a um grupo como ao outro.

Por causa disso, tendo em vista tudo o que ele acabou de falar é que Paulo vai se colocar de joelhos (v. 14), numa atitude de oração de louvor, de glorificação a Deus, de quem toda a família, nos céus e na terra, recebe o nome. Poderíamos perguntar: O que realmente é isso? Receber o nome? Quando Deus ordenou que Arão abençoasse o povo de Israel (Nm 6.24-26), no versículo 27 temos a seguinte conclusão dita por Deus: - Assim, os sacerdotes porão o meu nome sobre os filhos de Israel [...]. Então a bênção que Deus ordena ao seu sacerdote proferir ao seu povo é uma bênção na qual Deus coloca o seu nome sobre o seu povo, o povo de Deus é identificado com Ele. Isso nos lembra o batismo, pois quando fomos batizados em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e esse é o seu nome, o nome de Deus é colocado sobre alguém. Alguém é colocado para dentro do nome (Mt 28), na comunhão com esse nome. Sendo assim, toda a família no céu e sobre a terra é nomeada a partir Dele, nós temos um nome que nos lembra quem nós somos, somos filhos do nosso Pai Celestial.

E a oração de Paulo é que Deus conceda ao seu povo “que sejam fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito, no íntimo de cada um”. Literalmente “no íntimo de cada um” significa “homem interior”. Este homem interior é essa nova realidade que acontece quando se recebe o nome de Deus sobre si pelo batismo. Paulo ora pelos

seus ouvintes para que Deus fortaleça-os com poder por meio do seu Santo Espírito que age neste novo homem, que Deus cria no batismo, para que Deus dê a os seus ouvintes o poder para que eles possam ser e permanecer firmados pelo Santo Espírito, edificados no amor, enraizados nesse amor e Cristo habite nos corações deles, que eles possam compreender, possam receber junto com toda a igreja cristã toda a dimensão desse maravilhoso amor de Deus, conhecer este amor que vai além do entendimento e sejam tornados plenos na plenitude de Deus. O projeto de Deus é que em Cristo as pessoas recebam plenamente tudo que Deus tem preparado para eles em Cristo.

Paulo conclui este trecho com uma doxologia, com um louvor. Em outras palavras, o que Paulo disse até aqui é tão surpreendente para a razão humana, vai tão além da expectativa humana que Paulo tem que fazer uma doxologia aqui no meio da carta. O capítulo 3 é um capítulo extraordinário em que Paulo pontua o fato de Deus em Cristo ter unido judeus e gentios num só povo e então ter colocado ele como o apóstolo desse plano de Deus. Obviamente isto está construído sobre o capítulo 2 quando o apóstolo Paulo afirma que é pela graça que Deus redime as pessoas, não por obras que alguém possa produzir. Esse tom doxológico, esse louvor também deve estar em nossos lábios e coração em razão do amor e da misericórdia eterna de Deus.

É interessante perceber que desde a criação (Sl 136), passando pelo Dilúvio e a aliança com Noé (Gn 9), Deus continua agindo na vida humana. Nas águas do Dilúvio, Ele destruiu a vida no mundo e nas águas do Batismo, Ele vem dar vida onde há morte e condenação, Ele vem nos dar o Seu nome para sermos parte da sua família. Assim, o SENHOR Deus opera em nós o Seu amor, a Sua misericórdia e nos mostra como Ele é grande em perdoar e salvar o mundo e como todo ser humano carece, precisa, necessita dEle diariamente. A Ele demos graças, porque Ele é bom e sua misericórdia dura para sempre.

1.4 MARCOS 6.45-56

O texto inicia com uma ordem de Jesus para que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado, para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão.

João (6.15) expõe a razão desta ordem firme, que implica em uma relutância por parte dos discípulos. A multidão ficou tão afetada pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes (contexto) que planejou sequestrar Jesus e carregá-lo para Jerusalém como rei na Páscoa que estava agora próxima (João 6.4). Os Doze teriam ficado encantados em ver este plano executado. Portanto, Jesus separou-os da multidão e despediu-os sozinhos, para logo lhes dar uma nova revelação do tipo de rei que ele realmente é.

Depois de despedir a multidão, Jesus subiu ao monte para orar. O desejo daquela multidão de torná-lo rei foi uma das tentações de Satanás para Jesus, e o fato de a multidão ir embora mostra que a tentação foi vencida. E assim a oração na escuridão daquela noite tempestuosa pode muito bem ter sido um derramamento de seu coração ao Pai pela vitória renovada, uma glorificação ao Pai pela obediência dele em estar realizando e cumprindo o Plano do Pai, que culminará na morte de cruz, e uma intercessão pelos doze e todos os seus discípulos para que eles não fossem levados por essas falsas concepções messiânicas. Assim, temos apenas um vislumbre da profunda vida interior de Jesus. Sua oração era uma comunhão perfeita, pura e exaltada com seu Pai.

Ao cair da tarde, o barco estava no meio do mar, e Jesus estava sozinho em terra. De madrugada, vendo que os discípulos remavam com dificuldade, porque o vento lhes era contrário, Jesus foi até onde eles estavam, andando sobre o mar; e queria passar adiante deles.

A frase “passar adiante delas” é estranha e convida à reflexão teológica. No Antigo Testamento, passar era uma forma de revelação divina. Deus passa por Moisés no Monte Sinai (Ex 34.6), Deus passa por Elias na entrada da caverna (1 Rs 19.11) e Deus passa por Jó (Jó 9.11). Em cada caso há uma revelação divina, seja ela reconhecida (Moisés e Elias) ou não (Jó).

Jesus pretendia que seus discípulos o vissem, o conhecessem como mais do que um curador, um alimentador ou um professor. Jesus desejava revelar-se aos seus discípulos como o Senhor da Criação: Aquele que podia andar sobre as águas do mar.

A sua falta de reconhecimento, no entanto, coloca o barco numa turbulência ainda maior. Eles não estão apenas lutando contra os ventos, agora também estão lutando contra os fantasmas e os terrores da noite. A escuridão, a hora da noite, a tempestade e o perigo ainda em pleno vigor, o esgotamento físico, tudo se conjugava para fazer com que os discípulos cedessem às superstições que ainda rondavam as suas mentes. O que teriam sentido alguns que agora sorriem diante da superstição se tivessem segurado um remo naquele barco? Em seu desânimo, eles gritaram, e Mateus nos dá suas palavras: “É um fantasma!” Seu terror consistia no fato de pensarem que a forma sobrenatural caminhando no mar bem em sua direção era um sinal claro de que todos eram homens condenados.

Eles veem Jesus, mas não O reconhecem. Eles ouvem Sua voz, mas não confiam em Suas palavras. Como diz Marcos: “o coração deles estava endurecido” (52).

E quais foram as palavras de Jesus? “Coragem! Sou eu. Não tenham medo!” (50). Nas palavras que Jesus fala, Ele localiza Sua autorrevelação naquele espaço intermediário entre a coragem e o medo. Quando Aquele que criou o mundo vem até nós, há motivos para coragem e nunca para temer. Por que? Porque Aquele que criou o mundo prometeu vir e restaurar-nos. Ele prometeu vir e suportar o castigo pelo pecado, por isso não tememos mais a ira de Deus. Ele prometeu vir e derrotar as forças do mal para que possamos viver com uma esperança corajosa. Jesus aqui demonstra o seu poder, a sua soberania, o seu amor e misericórdia! Jesus é Aquele que morre para suportar o pecado e ressuscita para trazer restauração e Ele vem a nós agora em Sua Palavra. Não no meio do mar, mas no meio da nossa vida diária. Deus vem através de Sua Palavra para revelar quem Jesus realmente é: Nosso Senhor e Salvador.

Nos discípulos o efeito deste duplo milagre, perturbados como haviam estado por causa do medo, foi tão grande que, de espanto quase chegaram ao delírio. Pois, o evangelista confessa aqui, que o milagre dos pães não havia sido entendido por eles,

ou seja, que não o haviam captado no coração, que seu significado lhes havia escapado e que seus corações ainda estavam bem distantes de acolher de modo correto os milagres do Senhor. Da mesma forma, os grandes feitos do Senhor que nas Escrituras passam diante de nossos olhos, muitas vezes não fazem aquela impressão que deviam sobre nossos corações. Mas graças à sua misericórdia que dura para sempre, o Senhor tem muita paciência conosco, revisando e repetindo seus ensinamentos até que os entendamos.

Depois da tempestade, estando na costa oeste do lago, os discípulos lançaram âncoras e amarraram o barco. Mas, Jesus nem havia chegado à praia ainda, quando algumas das pessoas que viviam naquela redondeza o reconheceram, repetindo-se, então, as experiências anteriores. Correram pela região e espalharam a notícia da sua vinda. Logo lhe foram trazidos os enfermos. Também, andando Ele pelas ruas das cidades ou pelos caminhos do interior, os parentes dos enfermos, dos desanimados e dos indefesos traziam seus desventurados, com o desejo de, ao menos, tocarem a ponta de suas vestes. Como aconteceu anteriormente (Mc 3.10), ele permitiu que o simples toque de suas vestes operasse o milagre da cura. O povo, nesta ocasião, chegou ao auge do entusiasmo, que pode ter sido aumentado com a notícia da alimentação milagrosa, trazida por aqueles que estiveram presentes naquela ocasião. Era incansável a compaixão e misericórdia do SENHOR pela humanidade sofredora. Mas, acima de tudo preocupava-se com suas almas que Ele sempre alimentava com o pão da vida para a salvação.

2. O QUE EU PREGARIA? IDEIAS E ILUSTRAÇÕES

A partir do que já foi escrito neste recurso homilético e partindo do pressuposto que você tenha lido até aqui, ideias do que pregar já começaram a surgir em sua mente, mas antes de seguir reflita sobre a congregação, as pessoas que estão ali, que Deus colocou para serem cuidadas por você. A pregação não deve ser

direcionada para uma única pessoa, mas muitas pessoas hoje têm sofrimentos semelhantes, estão enfrentando “mares agitados e turbulentos”.

Visite algumas pessoas, converse especialmente sobre o que tem originado ansiedade e angústias em seus corações, o que tem preocupado e afligido seus pensamentos e a partir das respostas que obter delineie o melhor caminho para a mensagem.

Trago duas sugestões que podem ajudar.

2.1 A MISERICÓRDIA DO SENHOR DURA PARA SEMPRE

Introdução: Você já teve dúvidas com respeito à Deus? Você já duvidou do seu amor, da sua misericórdia e bondade?

Ponte: Momentos de incerteza inevitavelmente fazem parte da vida dos cristãos especialmente quando estes se veem em aflições, em “tempestades” internas. De acordo com o contexto pode haver uma elucidação com exemplos práticos.

O texto: Marcos 6.45-56, frisando que os discípulos estavam passando por momento de aflição durante a tempestade no mar.

Aplicação:

- Somos novas criaturas (batismo – aliança), mas, ao mesmo tempo, continuamos tendo uma velha natureza em nós. Por isso:

- Não somos sempre tão certos do poder do Evangelho para salvação das pessoas.
- Não somos sempre tão confiantes no amor e na misericórdia de Deus.
- Muitas vezes temos dificuldade em reconhecer o amor de Deus em Cristo (coração endurecido).
- Em algum momento da vida, podemos questionar a presença de Deus conosco.
- Precisamos estar preparados para diversas crises. Nós não estamos isentos delas.
- Mas sabemos do que precisamos: ouvir a Palavra de Deus falando mais alto que nossas inquietações.

- É importante lembrarmos da repetição: “A misericórdia do Senhor dura para sempre.” Porque essa misericórdia é verdadeira, Cristo, que morreu na cruz em nosso favor, nos visita em nossa agitação, e diz “Coragem, não tenham medo!”. Nem sempre precisamos entender muita coisa. Mas precisamos ouvir o “Não tenha medo!” e saber que Cristo nos acode, que Ele não se esquece de nós, Ele está em nosso barco, Ele nos acalma e nos faz lembrar que nada mais pode nos afastar ou separar do amor e da misericórdia do nosso Deus, pois o Seu amor, a Sua misericórdia dura para sempre.
- Assim, saímos fortalecidos do mar agitado; mais convictos do amor de Deus, da presença de Jesus em nossas vidas, mais desejosos de nos apegarmos à Palavra que dá vida e que nos sustenta na fé.
- Ficamos certos da incerteza que é nossa por natureza. E abraçamos a única verdadeira certeza que recebemos como dádiva: O crucificado e ressuscitado – Jesus Cristo, nosso Salvador.
- Fp 3.13-14 “... Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” Mesmo que venham dificuldades, nós prosseguimos! Pois temos a certeza da presença, da companhia, do amor e da misericórdia do Senhor que dura para sempre.

2.2 A CRIAÇÃO É REDIMIDA E SANTIFICADA PELA PALAVRA DE CRISTO JESUS

Tendo poupado o fiel Noé e sua família do dilúvio, o SENHOR estabeleceu seu pacto com eles, “e com todos os seres vivos”, de que nunca mais haveria um “dilúvio para destruir a terra” (Gn 9.9-11). Ele firmou e selou esta aliança eterna pondo seu arco-íris nas nuvens, como uma lembrança de sua promessa de que “as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir todos os seres vivos” (Gn 9.13–16). Embora a criação sofra sob a maldição do pecado, o SENHOR preserva e ordena a criação para o benefício da sua Igreja. Em especial, toda a criação é redimida e santificada pelo Filho de Deus encarnado. “Coragem” e “não tenham medo”, pois Jesus está com você no

mar. Ele não é um fantasma, mas veio em carne para salvá-lo. Ele “subiu no barco” para estar com você e cessou o vento que estava contra ti (Mc 6.45–51). Pois ele é a Palavra e promessa do Pai e sua própria carne e sangue são a aliança pela qual você é fortalecido no seu íntimo “com poder, mediante o seu Espírito” (Ef 3.16-17).

Pastor Dion Albach

Guarapuava-PR